

# Olhinhos de gato: a menina (de) Cecília

Jennifer Pereira Gomes  
Fernanda Maria Abreu Coutinho  
UFC

**Resumo:** A representação da infância na literatura brasileira pode ser estudada de diversos enfoques, inclusive do ponto de vista do gênero. A infância – em seu próprio ponto de vista – desenvolvida na literatura não fala por si. Considerando-a uma invenção do século XVIII, como os principais estudos acerca do tema infância apontam, permitimo-nos observar as diversas imagens da infância representadas pela literatura, o que tornaria possível ter acesso ao imaginário sobre essa temática, na maioria das vezes, relacionado às supostas naturezas inocente, sofredora ou má, associadas às crianças. O escritor já foi um dia criança, no entanto sua vivência fica obscurecida pelo tempo e pela evolução de sua personalidade, levando-o a uma representação que envolve, geralmente, a ficcionalização da criança e de seu mundo. Este trabalho propõe o estudo da categoria “representação” na literatura, no que condiz à personagem principal, a menina “Olhinhos de gato” da obra homônima de Cecília Meireles, prosa que apresenta natureza autobiográfica. Observaremos em que aspectos se dá a representação da menina, bem como sua relação com os adultos e outras crianças ao longo da trama. Que criança é representada nas personagens infantis de “Olhinhos de gato”? Seria essa uma representação idílica da infância? A criança é tomada por sua inocência e ingenuidade?

**Palavras-chave:** Menina. Representação. Cecília meireles.

**ABSTRACT:** *The representation of childhood in Brazilian literature can be studied from several perspectives, including the perspective of gender. Childhood - on your own point of view – is not developed in the literature speaks for itself. Considered an invention of the eighteenth century, as the main point of childhood studies, we allow ourselves to observe the various images of childhood represented in the literature, which would make it possible to have access to imagery on this theme, in most cases related to alleged natures innocent, suffering or bad, associated with children. The writer was once a child, though his experience is obscured by time and the evolution of his personality, taking it to a representation that usually involves a fictionalization of the child and his world. This paper proposes the study of the category “representation” in literature, which matches the main character, the girl “Olhinhos de gato” in the eponymous work of Cecília Meireles, prose that presents autobiographical nature. We will look into that aspect takes the representation of the girl as well as his relationship with adults and other children along the plot. What child is depicted in children’s characters of “Olhinhos de gato”? Is this a representation idyllic childhood? The child is taken by her innocence and naivety?*

**Keywords:** *Girl. Literary representation. Cecília meireles.*

Todos se perturbaram com sua chegada. Mas, antes de aparecer, ela já tinha ouvido... Tranquilizaram-se: “Não entende nada... *Isto* ainda não entende nada!” – e pousavam a mão no seu cabelo.  
Ela, porém, ficava triste, porque não sabia o que dizer: mas entendia, entendia tudo. (MEIRELES, 1980, p. 81)

Nossa proposta, nesta comunicação, é tecer considerações sobre a representação da personagem Olhinhos de gato, além das relações de gênero apresentadas na narração da obra escolhida: o livro homônimo da autoria de Cecília Meireles. Observaremos em que aspectos se dá a representação da menina, bem como sua relação com os adultos e outras crianças ao longo da trama. A pergunta que nos leva por um fio condutor: que menina é representada em *Olhinhos de gato*?

A obra selecionada foi publicada, entre 1938 e 1940, em treze capítulos na revista portuguesa *Ocidente*, já a versão em livro foi publicada postumamente no Brasil, pela editora Moderna, apenas em 1980. Prosa de natureza autobiográfica, aspecto indicado por estudiosos como Leila V. B. Gouvêa: “Há ainda as memórias de infância enfeixadas em *Olhinhos de gato* – uma espécie de *Les mots* lírico, escritas nos anos 30 – e de adolescência (*Giroflé, Giroflâ*)”. (GOUVÊA, 2001, p. 43, grifos da autora). São narrados fragmentos de memórias, que se sobrepõem e se alternam, aliados à utilização de uma linguagem cromática e poética, marcas de estilo da prosa ceciliana<sup>1</sup>.

## Silêncio do infante

Uma vez que aqui seguimos a intenção de explorar a representação literária da infância, é indispensável que apresentemos o que pode ser entendido por esse termo. Estudar a infância traz a visão do outro sobre a realidade da criança, que impossibilitada teoricamente de pesquisar a si mesma, pode ser tomada por um infante silencioso – e aqui é possível apoiar-se na etimologia: “As palavras *infante*, *infância* e demais cognatos (...) recobrem um campo semântico estreitamente ligado à ideia de ausência da fala.” (LAJOLO, 2009, p.225; BOTO, 2002, p. 56-7; KUHLMANN JR., 1998, p.16; MATA, 2010, p.153, grifo nosso) – e torna-se objeto de estudo instigante.

Em resposta a isso, entre outros caminhos (de cunho psicológico, antropológico, literário etc.), os estudos sobre a infância contribuem de maneira significativa para o conhecimento das condições de vida das crianças ao longo da história. Philippe Ariès, em *História Social da criança e da família* traz evidências do não reconhecimento da infância como fase inicial e diferenciada da vida. Desprovidos do sentimento de infância, os adultos tratavam as crianças, até o século XIII, como adultos em miniatura (ARIÈS, 1981). Sendo assim, o teórico propõe que a “infância” como hoje a conhecemos, foi um conceito construído ao longo do tempo, em especial a partir do século XVII.

---

1 Aqui nos apoiamos nos estudos de Leodegário de Azevedo Filho, um dos mais referenciado autores da fortuna crítica sobre a obra poética de Cecília Meireles, ao considerar em que medida os procedimentos literários da poesia inserem-se na prosa: obras *que são pura poesia, perfeitamente dignas de ombrear com sua obra poética* (AZEVEDO FILHO, 2003, p.7). O pesquisador aponta, nesse mesmo estudo, como principais características da poética ceciliana a sutileza, acentuado cromatismo, expressiva imagística, intenso simbolismo e criatividade na seleção de vocábulos em busca da sonoridade adequada.

Podemos citar Neil Postman, que em seu *O desaparecimento da infância*, afirma: “E, desde que as crianças eram expulsas do mundo adulto, fazia-se necessário achar outro mundo para elas habitarem. Esse outro mundo ficou conhecido como infância” (POSTMAN apud KENNEDY, 1999, p.138). Colin Heywood atualiza o desenvolvimento de uma concepção moderna da infância – que valoriza a vulnerabilidade da criança e propõe a escola como local privilegiado – tendo sido fruto de um processo ainda mais longo do que propõe Ariès (HEYWOOD, 2004).

Por aquela impossibilidade de fala, a criança passa a ocupar o lugar de um “outro”, cuja alteridade é precária, que se encontra incapaz de assegurar, ou fundamentar, por si mesmo uma identidade reconhecida teoricamente (LAJOLO, 2009, p.226; MATA, 2010, p.12). Essa “mudez” pode ser conectada ao “silêncio”, que, de acordo com Michele Perrot<sup>2</sup>, é uma das marcas históricas que dificulta o estudo da vida das mulheres ao longo da história:

Pois o silêncio era ao mesmo tempo disciplina do mundo, das famílias e dos corpos, regra política, social, familiar – as paredes da casa abafavam os gritos das mulheres e das crianças agredidas –, pessoal. (...) As mulheres não estão sozinhas neste silêncio profundo. (PERROT, 2005, p.10)

A dificuldade de encontrar traços dessa vivência feminina na história se dá, como defende a autora, pela “desigualdade dos sexos”, aliada ao predomínio dessas atividades terem sido restritas, na maior parte do tempo, ao espaço privado; e por esse motivo, pouco documentadas. (PERROT, 2005, p.11)

Participaram desse silêncio, também as crianças. Como declara Marisa Lajolo: “Junto com crianças, mulheres, negros, índios e alguns outros segmentos da humanidade foram ou continuam sendo **outros eles** e **outras elas** no discurso que os define.” (LAJOLO, 2009, p.226, grifos da autora)

## Escrita silenciosa

Os estudos de gênero, estendidos à pesquisa da literatura de autoria feminina nos asseguram que há particularidades na escrita de mulheres (ZOLIN, 2009a; ZOLIN, 2009b) nos levam a perguntar ao nosso objeto de estudo: que relações de gênero são ali representadas?

A fim de prosseguirmos delinearemos, portanto, os estudos que envolvem a relação da escrita de Cecília Meireles e a questão do gênero. A maior parte dessas pesquisas debruça-se sobre a obra poética da autora e fazem referência a certa tendência teórica tradicional que aponta na poesia cecilianas características como neutralidade, leveza, transcendência – presentes de fato – mas como fatores que a tornaria desprovida de feminilidade, ou mesmo “sem sexo”<sup>3</sup> (DAL FARRA, 2006; DA SILVA, 2009; CÉSAR, 1993).

Maria Lúcia Dal Farra, no artigo “Cecília Meireles: imagens femininas”, dimensiona as

---

2 Referimo-nos em especial à introdução do livro *As mulheres ou os silêncios da história* (2005).

3 Esse termo foi utilizado em crítica de Gaspar Simões, de acordo com Dal Farra (2006), no artigo “Cecília Meireles: imagens femininas”.

atribuições da fortuna crítica que distinguem esses predicados, além da atribuição do termo “poeta” ao invés de “poetisa” à autora. Percorre ainda poesias<sup>4</sup> da escritora, delimitando as personagens femininas abordadas, demonstrando que

Contrariamente à poesia de Florbela, de Gilka e de Adalgisa, a de Cecília Meireles nunca teve a pretensão de erguer a bandeira da mulher como sua causa, o que, todavia, não impediu que a sua obra primasse em tudo por aquilo que se entende por feminilidade: pela delicadeza dos temas, pela musicalidade e pelas nuances rítmicas, pela leveza de traços e sobretudo pela suave ambiência que perpassa o seu lirismo personalíssimo, quase sempre de inspiração popular e folclórica. Mas isso não quer dizer que o olhar sobre a condição feminina esteja ausente dos seus versos. (DAL FARRA, 2006, p.352)

A partir da abordagem desses questionamentos acreditamos prosseguir em nossa tarefa de observar as relações de gênero na narrativa escolhida, uma vez que pode ser assegurada a possibilidade desse aprofundamento na obra cecilianiana. Para tanto, torna-se necessário compreender melhor de que maneira se comporta a ficcionalização da infância e, brevemente, a categoria “representação” na literatura.

## Ficcionalização da criança

Quando falamos em “ficcionalização”, tomamos de empréstimo as considerações de Anderson Luís da Mata acerca da representação da infância na literatura, no livro *O silêncio das crianças: representação da infância na narrativa brasileira contemporânea*. O autor parte da perspectiva de representação na literatura estabelecida por Paul Ricoeur, em *Tempo e Narrativa*, conceito que também adotamos: “a infância é representada, ou seja, os escritores apresentam outra vez aquilo que o leitor já conhece” (MATA, 2010, p.12), mas essa “re-apresentação” não permanece inalterada, ela une-se a perspectiva do escritor, sua visão de mundo<sup>5</sup>.

Seguindo o raciocínio de Mata e levando em consideração que “a infância não fala em próprio nome”, que a criança não produz literatura sobre si mesma e seu mundo, o que temos acesso é à representação dessa infância “mediada” pelo escritor; um adulto que tenta compreender a perspectiva daquele a quem representa literariamente. Assevera Mata:

O que não se pode perder de vista são os limites dessa operação configuracional da representação. Falar em nome de alguém, política ou/e literariamente, é ficcionalizar uma experiência que, pessoal ou compartilhada, não pode ser reproduzida, a fim de criar uma perspectiva social. (MATA, 2010, p. 13)

---

4 Acreditamos serem dignas de nota as apreciações das poesias “Prisão” e “Balada das dez bailarinas do cassino”, nas páginas 363 a 366 do referido artigo.

5 Antoine Compagnon, em **O demônio da teoria: literatura e senso comum**, menciona sobre isso: “A narrativa, segundo Ricoeur, é nossa maneira de viver no mundo –, representa nosso conhecimento prático do mundo e envolve um trabalho comunitário de construção de um mundo inteligível.” (COMPAGNON, 1999, p. 131)

Aproximando-nos das discussões empreendidas pela teoria literária é possível conjecturar<sup>6</sup> que a escrita literária, como linguagem, é construção discursiva e como tal não corresponde diretamente à realidade material.

## Crianças representadas

Em meio aos principais estudos acerca da representação da criança na literatura, alguns indicam categorias de abordagem da criança em sua re-apresentação literária. Apontaremos, nessa comunicação, os já citados “O silêncio das crianças”, de Anderson Luís da Mata; “Infância de papel e tinta”, de Marisa Lajolo e “As raízes do estudo da infância”, de David Kennedy.

A primeira concepção de representação de infância a se apresentar na literatura brasileira, e aqui os três pesquisadores concordam, alude ao aspecto inocente, ingênuo, natural da criança e **idílico**/edênico da infância. A infância feliz e tomada com otimismo e saudosismo é herança da adoção do movimento romântico em nossa literatura. Não raro a criança é sinônimo de esperança. (KENNEDY, 1999, p. 150-1; LAJOLO, 2009, p.228-30; MATA, 2010, p. 17)

A oposição mais aparente ao modelo anterior é uma abordagem da infância idealizada por imagens de **sofrimento** e amargura. A criança, desvalida, sofre violência dos demais personagens (adultos ou crianças), do ambiente ou mesmo da comunidade. Por vezes, é redimida pela dor ou levada pela morte, que pode se assemelhar a um alívio. (LAJOLO, 2009, p.232-6; MATA, 2010, pp. 18-9, 29, 163)

Por outro lado, a representação da criança **má**, que pratica a maldade contra outras crianças ou mesmo adultos, também é mencionada. Fruto da violência, a infância deixa de ser tomada como esperança de um futuro melhor. (MATA, 2010, p. 78-9) Podemos citar como ilustração as obras que pertencem à “literatura da favela” (MATA, 2010, p. 29), como *Cidade de Deus*.

Antes de passar à apreciação da narrativa de *Olhinhos de gato*, consideramos importante arrematar, por assim dizer, a ponderação no que diz respeito à representação da infância na literatura com a seguinte afirmação de Marisa Lajolo:

Enquanto formadora de imagens, a literatura mergulha no imaginário coletivo e simultaneamente o fecunda, construindo e desconstruindo perfis de crianças que parecem combinar bem com as imagens de infância formuladas e postas em circulação a partir de outras esferas, sejam estas científicas, políticas, econômicas ou artísticas. (LAJOLO, 2009, p. 228)

## Olhinhos de gato

A personagem principal, e centro de nossa pesquisa, é a menina Olhinhos de gato, uma criança diferente das outras: sozinha, vive no silêncio de uma casa de mulheres adultas. A

---

6 Para tal afirmação partimos das considerações de Antoine Compagnon sobre Barthes e a “ilusão referencial” (no capítulo “O Mundo” do livro citado na nota anterior) e de Maurice Blanchot acerca do conceito de arte, e, por conseguinte, literatura (capítulo “A literatura e a experiência original” do livro **O espaço literário**).

personagem pouco fala por si, é o narrador (em terceira pessoa) quem nos fala dessa menina: ações, pensamentos, devaneios. A maior parte do enredo fica circunscrita ao espaço da casa e do jardim (além do que se vê da rua), embora haja episódios de passeios: à casa do padrinho e para o primeiro corte de cabelo, por exemplo.

Olhinhos de gato vive com Boquinha de doce, sua avó, Dentinho de arroz, empregada doméstica e ama da menina e Maria Maruca, jovem criada da casa. No decorrer dos episódios aparecem personagens – em sua grande maioria femininas – geralmente vizinhas e conhecidas da família. A madrinha Có, a negra do terreiro, a mulher cuja filha enlouquecera, a senhora abastada que passa o dia a se balançar na rede da varanda, as negrinhas que apareciam para almoçar e contar lendas e crendices.

Ao longo da narrativa, episódios de momentos da infância se misturam, fragmentados, como lembranças. Não há marcas temporais que assegurem por quanto tempo a história se passa. Contudo, pela descrição de costumes, uma gama variada de comerciantes ambulantes e suas estratégias de atrair o público, crendices e certas datas comemorativas, como o Carnaval, a Semana Santa e o Natal, torna possível perceber que a narrativa constrói ambientes que remetem às primeiras décadas do século XX.

No início da narrativa deparamo-nos com uma menina doente, com febre, cercada de cuidados. Olhinhos de gato é representada como uma criança frágil, suscetível a doenças e que é protegida pelos adultos, que vez por outra põem em prática costumes, como a ida a rezadeiras, por exemplo. Lembremos, portanto, que a protagonista é órfã, e que os três irmãos mais velhos morreram crianças, fatos que são lembrados ao longo do enredo, reforçando uma forte presença do luto e da morte.

Ao encontrar um vestido em meio a diversos trapos, a personagem resolve vesti-lo e sair pela casa, em seguida os adultos conseguem persuadi-la a despi-lo: “Então, ia despindo lentamente aquela roupa que cheirava a flor murcha. Deixava-a cair do corpo, e saltava de dentro dela **como quem pula de um túmulo.**” (MEIRELES, 1980, p. 5, grifo nosso) A expressão por nós destacada é capaz de demonstrar a forte ligação entre os objetos dos falecidos, aos quais são devotadas as memórias do luto, e a morte. Livrando-se do vestido, Olhinhos de gato parece livrar-se mais uma vez dela.

É importante notar a associação com a doença observável em trechos nos quais Olhinhos de gato interage com objetos dos falecidos. No primeiro capítulo, vários desses itens antigos são trazidos à sala, provavelmente para limpeza e Olhinhos de gato não resiste a estar no meio deles. Em ocasiões como essa as mulheres a interpelam: “Faz muito mal! Tem doenças”, “Olha que te faz mal!” (p.5), “Vá se embora! Não ouviu dizer já que faz mal?”, “Deus te livre” (p.7)<sup>7</sup>.

A relação entre a menina Olhinhos de gato e as mulheres da casa é marcada pela proteção e o afeto. Não raro ela é tomada no colo por Dentinho de arroz ou Boquinha de Doce; as duas e Maria Maruca cantam para ela, ao longo da narrativa, além dos doces momentos de segurança e brincadeiras com Có, a madrinha. Esses momentos de carinho são entremeados com

<sup>7</sup> A partir deste momento, sempre que citarmos apenas número página como referência, aludimos diretamente a MEIRELES, Cecília. **Olhinhos de gato**. São Paulo: Moderna, 1980.

os atos de proteção por partes das adultas, que chegam a soar excessivos, a ponto de a qualquer sinal de vinda de uma doença a menina ser cercada de prevenções e praticamente proibida de sair de casa. Em alguns trechos das páginas 79 e 80 é possível observar a superproteção por parte das mulheres adultas:

Vestiram-lhe camisetas de lã: não se fosse resfriar. Maria Maruca puxava-lhe as mangas desabridamente, e esfregava-lhe as costas até ficarem vermelhas: “Cautela e caldo de galinha não fazem mal a ninguém.”

— Eu começava a dar-lhe óleo de fígado de bacalhau.

(...)

Consentiram em suavizar-lhe as refeições: enchiam-lhe a boca e deixavam-na ir dar uma voltinha: até o tanque, até a grade, até o pote de tinhorão. . . Entre uma garfada e outra, davam-lhe a chupar um gomo de laranja.

(...)

— Anda, menina!

Tantas vezes a chamavam que não havia remédio senão voltar.

(...)

Quando a punham na cama, rezavam-na:

“Menina, si tens quebranto,

aqui to tiro,

em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo.”

Uns disseram que seria bom usar figuinhas de azeviche. Outros opinaram que as de coral eram melhores. Tia Tota preferia um remédio de frasquinho azul (...)

A cada instante lhe examinavam as solas dos sapatos: não acontecesse andar com os pés molhados. Mas também com o sol tinham cuidados especiais: podia morrer de insolação. . . Se começava a escurecer, traziam-na depressa para casa: porque há o sereno, que infiltra doenças mansamente, pela cabeça. Se faz luar grande, fecha-se a janela, porque essa fria luz estraga a vida. “Tudo faz bem, mas só até certo ponto.” (MEIRELES, 1980, p. 78-80)

Cada adulto tem alguma sugestão para o tratamento da possível doença da menina, que mal consegue brincar em meio a tantas recomendações. O medo da morte perpassa todos esses cuidados, afinal Olhinhos de gato – como já foi dito – é a única que restou de uma família inteira. O pai, a mãe e os três irmãozinhos foram levados por doenças. Entre afagos, proibições e comandos é o traço da orfandade que prevalece.

Vários personagens, em diversos momentos da narrativa, referem-se à menina a partir dessa característica: “Graças a Deus que escapou! Deus lhe dê boa sorte” (p.15) (senhora triste, filha louca); “Aquela parece que escapava mesmo!” (p. 15) (homem dos olhos cor de folha); “Quem havia de dizer que se salvava!” (p. 16) (outra vizinha); “E só a meninazinha ficou” (p. 17) (vizinhas); “Precisas comer, se não bates a bota, como os outros” (p. 21) (Maria Maruca). Observemos o episódio em que as mulheres estão preparando roupas novas para a menina:

E desciam-na da cadeira: “Põe-te de pé, põe-te de pé. Vês? O que isto cresceu! Como já está ficando grande!”

Havia um luminoso pasmo. **O silêncio dizia: “Parece mentira que não tenha morrido! COMO OS OUTROS.”** Depois, o silêncio acabava: “Muito trabalho me tem dado! Sempre pensando no que lhe hei de dar de comer, sempre cuidando de a agasalhar...” parava um pouco. E mais baixo: “Sempre rezando por ela...” (MEIRELES, 1980, p. 82, grifo nosso)

O que é dito pelo silêncio pode apontar o motivo pelo qual Boquinha de doce vem “sempre rezando por ela”. Até aqui é possível perceber o quanto a menina é descrita do ponto de vista da fragilidade. É frágil, doente, órfã. Mas há vários momentos em que a personagem parece burlar toda essa vigilância e viver com intensidade e cor: em seus devaneios. “Do seu observatório, que era o próprio chão, onde se debruçava como os bichos e as esfinges” (MEIRELES, 1980, p.16) Olhinhos de gato perde-se nos mundos dos detalhes, inacessíveis aos adultos. O assoalho (p. 8), com os santos de mãos postas e as diversas paisagens, assim como o tapete e o “avesso dos panos” (p. 9), a madeira e o mármore (p. 72). No final da narrativa o devaneio a levará a uma grande descoberta: “Sem sair do lugar andou por estranhos lugares, e sem que ninguém reparasse passou para dentro de todas as vidas. (...) Como poderia explicar o que estava **sendo**, fora da sua vida?...” (MEIRELES, 1980, p. 130, grifo da autora). De certa forma, a menina se liberta, mesmo que do ângulo da transcendência.

O contato da personagem com outras meninas limita-se, em boa parte da narrativa, a visitas das negrinhas que vinham para contar causos, ou crianças que falam com ela além da cerca. No capítulo nove Olhinhos de gato brinca, aparentemente pela primeira vez, de ciranda “Ela achou muito singular dar a mão àquelas criancinhas desconhecidas” (p. 96) e é ensinada pelas outras meninas: “Segura na mão da gente, pequena! (...) Tu nunca brincou de roda, não?” (p. 97).

Embora Olhinhos de gato estabeleça um contato amigável com os personagens masculinos adultos (a lembrança do avô, o moço “de olhos cor de folha”, o padrinho Orelhinha peluda). Na oportunidade na qual será apresentada ao “priminho” a personagem considera:

Não, o priminho ela não queria conhecer de modo algum. Os meninos, caçadores de borboletas e passarinhos, amarradores de caudas de libélula e rabos de gato, quebradores de vidraça e apedrejadores de frutas, constituem uma casta de sua profunda antipatia. Não queria saber do primo. Eram eles, os meninos, que, depois de crescidos, se transformavam em ladrões. Positivamente, não queria saber dessa gente. (MEIRELES, 1980, p. 99)

Percebemos que em relação aos meninos o relacionamento muda essencialmente e se posiciona a partir da distância e da desconfiança. Eles são identificados pelo uso de objetos (paus, pedras, apitos), códigos entre si (assovios, cochichos) e por causarem maldades contra animais. No mesmo capítulo do episódio citado acima, Olhinhos de gato recusava-se a usar um vestido que havia ganhado de presente da madrinha, e alegava: “porque esse vestido é de homem” (p. 99). A personagem comunga de valores para os quais há uma clara diferença entre brinquedos, roupas, modos e comportamentos de meninas e meninos.

Do ponto de vista do gênero, a escrita de Olhinhos de gato, por reproduzir alguns valores patriarcais, como a recomendação e aceitação dessa diferenciação entre sexos, poderia ser situada no conceito de “escrita feminina”, proposto por Showalter (ZOLIN, 2009b, p. 329-331), ao qual corresponderiam textos que demonstram “imitação e internalização dos valores e padrões vigentes (na sociedade patriarcal)”. É importante manter em vista que a menina representada na obra é silenciada duplamente: por ser criança e por ser menina, por esse motivo (e também pela



fragilidade) lhe é dada pouca liberdade de movimentação, de decisão, muito menos do que seria normalmente concedida a uma criança do sexo masculino.

A narrativa nos leva por diversos episódios de uma infância idílica, mesmo que permeada de fragilidade e luto. A felicidade proporcionada pela relação com Boquinha de doce, Dentinho de arroz e Maria Maria, pelas cores, brincadeiras, devaneios predominam sobre o luto, a orfandade, a doença. Mesmo órfã e frágil a menina encontra a alegria e a esperança. Ao final da leitura, com a “descoberta” de Olhinhos de gato, o que predomina são as novas possibilidades de desenvolver alteridade no futuro.

## Referências

- ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Tradução de Dora Flaksman. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1981.
- AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de. *Poesia e Estilo de Cecília Meireles*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970.
- BOTO, Carla. *O desencantamento da criança: entre a Renascença e o Século das Luzes*. In.: FREITAS, Marcos Cezar e KUHLMAN JR., Moysés (Org.). *Os intelectuais na história da infância*. São Paulo: Cortez, 2002.
- CESAR, Ana Cristina. *Literatura e Mulher: essa palavra de luxo*. In: \_\_\_\_\_. *Crítica e tradução*. São Paulo: Ática, 1999. p. 224-232.
- COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.
- DA SILVA, Jacicarla Souza. Cecília e o Feminino. *Uniletras*, Ponta Grossa, v. 31, n. 1, p. 77-90, 2009.
- DAL FARRA, Maria Lúcia. Cecília Meireles: imagens femininas. *Cadernos Pagu*, Campinas, n.27, jul./dez. 2006, p.1-23. Disponível em:<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010483332006000200013](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010483332006000200013).html>. Acesso em 23 out. 2011.
- HEYWOOD, Colin. *Uma História da Infância: da idade média à época contemporânea no ocidente*. Tradução de Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- KENNEDY, David. *As raízes do estudo da infância: história social, arte e religião*. In.: KOHAN, Omar Walter e KENNEDY, David (Org.). *Filosofia e infância*. Possibilidades de um encontro. Petrópolis: Vozes, 1999. (Coleção Filosofia e Criança, v. III).
- KOHAN, Omar Walter e KENNEDY, David (Org.). *Infância entre Educação e Filosofia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- KUHLMANN JR., Moysés. *Infância e Educação infantil: uma abordagem histórica*. Porto Alegre: Mediação, 1998.
- LAJOLO, Marisa. Infância de papel e tinta. In.: FREITAS, Marcos Cezar (Org.). *História social da infância no Brasil*. 7.ed. São Paulo: Cortez, 2009. p. 229-250.
- MEIRELES, Cecília. *Olhinhos de gato*. São Paulo: Moderna, 1980.
- MATA, Anderson Luís Nunes da. *O silêncio das crianças: representação da infância na narrativa brasileira contemporânea*. Londrina: Eduel, 2012.

PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru, SP: Edusc, 2005.

ZOLIN, Lúcia Osana. *Crítica feminista*. In.: BONICCI, Thomas. e \_\_\_\_\_. (Orgs.). *Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: Eduem, 2009a. p. 217-242.

ZOLIN, Lúcia Osana. *Literatura de autoria feminina*. In.: BONICCI, Thomas. \_\_\_\_\_. e. (Orgs.). *Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: Eduem, 2009b. p. 327-336.

### **Jennifer Pereira Gomes**

---

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFC. Projeto “Olhinhos de Nuvens: infância e solidão na prosa de Cecília Meireles”. Contato: [jenniferpereira@gmail.com](mailto:jenniferpereira@gmail.com).

### **Fernanda Maria Abreu Coutinho**

---

Mestre em Literatura Brasileira (UFC), Doutora em Letras (UFPE), Pós-doutorado pela UFMG e Université de la Sorbonne - Paris 4. Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFC. Autora dos livros *Representações da infância na Literatura* (2012) e *Imagens da infância em Graciliano Ramos e Antoine de Saint-Exupéry* (2012). Contato: [fernandacoutinho2@gmail.com](mailto:fernandacoutinho2@gmail.com)

*Recebido em 15 de outubro de 2012.  
Aprovado em 20 de novembro de 2012.*